

A resistência de uma organização negra do interior de São Paulo: o caso do Estrela do Oriente

Paulo Cesar Alves Garcia¹

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar, a partir de um olhar descritivo, a criação da *Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D'Oriente*, uma organização negra localizada em Barretos, interior de São Paulo, que foi erigida como resposta à segregação vivenciada pela população negra daquela cidade. Objetivamos, ainda, estabelecer relações entre o surgimento e o desenvolvimento da referida organização e os fatores sociais internos e externos que contribuíram para o fortalecimento dos movimentos negros, no Brasil, a partir da década de 1930. Em termos teóricos, fundamentamos tal análise nos trabalhos de Moura (1989), Tenório (2014), dentre outros. Já metodologicamente, baseamo-nos na revisão bibliográfica e na coleta de histórias orais. Os resultados nos permitiram, a partir de uma aproximação da história da organização, refletir sobre a importância do *Estrela D'Oriente* na vida de seus integrantes, bem como na história da cidade paulistana de Barretos, no que se refere, sobretudo, ao modo como as relações raciais foram sendo constituídas e alteradas no decorrer do tempo.

Palavras-chave: Estrela D'Oriente; Organização negra; Barretos-SP.

1. INTRODUÇÃO

O entendimento mais aprofundado acerca das desigualdades raciais, historicamente elaboradas e difundidas na nossa sociedade, serviu-nos de motivação para compreendermos quais elementos nacionais e internacionais, de maneira panorâmica, impulsionaram a criação de uma organização negra na cidade de Barretos, no interior do estado de São Paulo, no período de 1936, tema desse trabalho. Nesse contexto, as relações de poder e a manutenção do *status quo* das classes dominantes têm contribuído para a perpetuação de assimetrias que encontram guarida nos mais diversos espaços da sociedade contemporânea e garantem, dentro de uma lógica de inferiorização do *outro*, impeditivos de uma mudança desse quadro social. A esse respeito, de acordo com Tenório (2014):

Historicamente, os negros foram levados a internalizar uma imagem depreciativa de si mesmos por parte da sociedade branca dominante. Muitos resistiram a essa depreciação, mas outros foram tomados e oprimidos por ela, pelo reconhecimento errôneo. (TENÓRIO, 2014, p. 132).

A partir do que apregoa a autora, torna-se importante ressaltar que, no primeiro período republicano (1889-1937), mesmo após a abolição da escravatura, o sistema político não assegurou aos negros ganhos relevantes (ANDREWS, 1991). Em resposta a esse sistema opressor, em várias partes do país movimentos com viés cultural, social ou político no meio negro ganharam força, objetivando, sobretudo, a inserção plena desses sujeitos na sociedade.

Nesse cenário de resistência, a criação da *Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D'Oriente* (doravante *Estrela*, como se convencionou chamar), em 1º de janeiro de 1936,

¹ Mestre em Humanidades – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

levou-nos a refletir sobre como organizações como essa estavam se estruturando em várias partes do Brasil às vésperas da implantação do Estado Novo (1937 - 1945). Os relatos orais obtidos para a presente investigação permitiram uma maior aproximação nossa da história da organização e nos revelaram os significados do *Estrela* na história da cidade de Barretos.

Assim, em um primeiro momento, neste texto, voltamo-nos para a história do Movimento Negro Brasileiro e do Movimento Negro Unificado, objetivando compreender o cenário estimulador do surgimento de outras organizações negras no país, a exemplo do *Estrela*. Logo após, debruçamo-nos sobre as falas dos sujeitos participantes dessa pesquisa, buscando descrever o processo de criação do *Estrela*. Por fim, encerramos o trabalho enfatizando a necessidade do fortalecimento de investigações no campo das relações raciais como alternativa para o desvelamento e o combate de fenômenos sociais como o racismo a partir da descrição de organizações como a que ora tematizamos.

2. O Movimento Negro no Brasil

Os estudos no campo da História nos mostram que, desde o período colonial, inúmeros mecanismos de resistência contra o poder exercido pelos brancos foram utilizados pelos negros escravizados. Um desses mecanismos, considerados por muitos como o principal, foi a quilombagem. Consoante Moura (1989):

Entendemos por quilombagem o movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influiu poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (MOURA, 1989, p. 22)

Outras formas de resistência podem ser citadas. Além das fugas e da formação de quilombos, enfrentamentos individuais eram frequentes. Aconteceram também insurreições como a Conjuração Baiana (1798)², Revolta dos Malês (1835) e o bandoleirismo, forma de guerrilha na qual grupos de escravizados fugidos se organizavam para atacar povoados e viajantes nas estradas.

É importante enfatizarmos que, no primeiro período republicano (1889-1937), mesmo após a abolição da escravatura, o sistema político não assegurou aos negros ganhos relevantes, mantendo-os em situação de constante subalternização em relação aos brancos.

De acordo com Domingues (2007, p. 103), buscando reverter esse quadro de desigualdades, libertos, ex-escravizados e seus descendentes criaram movimentos de mobilização social e organizações negras com caráter assistencialista, recreativo e/ou cultural. Essas organizações atraíam um número expressivo de “homens de cor”, como se dizia na época. O autor destaca que:

Em São Paulo, apareceram o Clube 13 de Maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917); no Rio de Janeiro, o Centro da Federação dos

² “[...] embora tendo à frente homens pardos livres e libertos, principalmente artesãos e soldados, contou com a participação de alguns escravos e incluiu em seu programa, de inspiração liberal-francesa, o fim da escravidão.” (REIS, 1995/96, p.27).

Homens de Cor; em Pelotas/RG, a Sociedade Progresso da Raça Africana (1891); em Lages/SC, o Centro Cívico Cruz e Souza (1918). Em São Paulo, a agremiação negra mais antiga desse período foi o Clube 28 de Setembro, constituído em 1897. As maiores delas foram o Grupo Dramático e Recreativo Kosmos e o Centro Cívico Palmares, fundados em 1908 e 1926, respectivamente. (DOMINGUES, 2007, p. 103).

Muitas outras organizações foram erigidas em diversas partes do Brasil, sendo algumas delas alicerçadas em “determinadas classes de trabalhadores negros, tais como: portuários, ferroviários e ensacadores, constituindo uma espécie de entidade sindical” (DOMINGUES, 2007, p.103).

Concomitantemente a essas novas organizações, a chamada *imprensa negra* despontou no cenário nacional, reunindo intelectuais negros em veículos de comunicação com foco não somente na troca de ideias, mas, também, com foco nas denúncias de práticas de segregação racial, as quais operavam “impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas” (DOMINGUES, 2007, p.105).

Com a criação da Frente Negra Brasileira (doravante FNB), em São Paulo, em 1931, o Movimento Negro (doravante MN) promoveu maior articulação nacional e se direcionou para o campo político. Tornou-se possível, assim, filiar à entidade milhares de “pessoas de cor”, garantindo a expressividade do MN brasileiro. Domingues (2007, p. 106) registra que:

A entidade desenvolveu um considerável nível de organização, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o *A Voz da Raça*.

Em 1936, a estruturação da FNB permitiu à entidade organizar-se enquanto partido político, almejando conquistar os votos da população negra nas eleições que deveriam ocorrer no ano de 1938. Demonstrou-se, também, hábil nas negociações políticas e conseguiu a aprovação de algumas de suas demandas, as quais foram atendidas pelo então presidente da época, Getúlio Vargas, como o fim da proibição do ingresso de negros na guarda civil de São Paulo (DOMINGUES, 2007).

Com o grande número de filiados e a inclinação da FNB aos ideais fascistas, dissidências emergiram dentro da própria organização e abriram caminhos para a criação de outras organizações negras que não partilhavam dos mesmos ideais, a exemplo do “*Clube Negro de Cultura Social*, em 1º de julho de 1932, em São Paulo, e a *Frente Negra Socialista*, outra dissidência da FNB” (PEREIRA, 2010, p. 32).

Correia Leite² (1992, p. 94), um dos fundadores da FNB, relata em seu livro o descontentamento sentido durante a aprovação dos estatutos, pois além de serem cópias do fascismo italiano, a organização, mesmo com seus 40 membros no conselho, via o poder da tomada de decisões centralizado no presidente Arlindo Veiga dos Santos.

Todo esse processo de fortalecimento do MN nacional, refletido no aumento de filiados às entidades e a aquisição de direitos mediante reivindicações estratégicas foi interrompido em 1937 com a instauração do Estado Novo, extinguindo-se a FNB e demais partidos

² “Correia Leite fundou, com outros militantes, o Clube Negro de Cultura Social, em 1º de julho de 1932, em São Paulo.” (PEREIRA, 2010, p. 32).

políticos.

De 1937 até praticamente o período de Redemocratização (1985), os movimentos negros recuaram à forma de resistência cultural, e foi nesse contexto que surgiu, com o intuito de se afirmar politicamente através do resgate da cultura negra, o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, no Rio de Janeiro.

De acordo com Pinto (1993, *apud* AGUIAR, 1998, p. 41):

[...] no período que se inicia em meados da década de 40 até o início de 60, o negro ainda continuou se manifestando, iniciando uma nova fase do processo de afirmação de sua identidade. O movimento começou a ressaltar a busca de raízes afro e afirmar a importância da cultura negra. Entre 1964 e 1970 não ocorreram grandes eventos e nem a fundação de novas entidades. Para a autora, esta situação de apatia reverteu-se no início dos anos 70. O ressurgimento dos movimentos sociais, na sociedade como um todo, o processo de libertação africana, bem como a radicalização do movimento negro nos Estados Unidos criaram um ambiente favorável para isso.

Abdias do Nascimento (2004), em seu artigo intitulado *Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões*, evidencia a amplitude das ações do TEN, as quais iam além das ações teatrais e se firmavam no desenvolvendo de projetos nos campos da educação e cultura. Por meio das ações desenvolvidas pelo TEN, a representação do negro enquanto subalterno, amplamente compartilhada pelos veículos de comunicação da época, foi veementemente combatida, contribuindo, também, para o debate acerca do racismo antinegro. Nascimento (2004) registra que:

Cerca de seiscentas pessoas, entre homens e mulheres, se inscreveram no curso de alfabetização do TEN, a cargo do escritor Ironides Rodrigues, estudante de direito dotado de um conhecimento cultural extraordinário. Outro curso básico, de iniciação à cultura geral, era lecionado por Aguinaldo Camargo, personalidade e intelecto ímpar no meio cultural da comunidade negra. Enquanto as primeiras noções de teatro e interpretação ficavam a meu cargo, o TEN abriu o debate dos temas que interessavam ao grupo, convidando vários palestrantes, entre os quais a professora Maria Yeda Leite, o professor Rex Crawford, adido cultural da Embaixada dos Estados Unidos, o poeta José Francisco Coelho, o escritor Raimundo Souza Dantas, o professor José Carlos Lisboa (NASCIMENTO, 2004, p.211).

O TEN não se fechou em moldes acadêmicos e engessados. Ao contrário, procurou promover ações de valorização da autoestima do negro brasileiro, constituindo-se, também, como uma frente provocativa, criativa, questionadora e promotora de enfrentamentos, principalmente no campo das artes, notadamente branco e segregador.

Na seção seguinte, faremos uma breve incursão na história do Movimento Negro Unificado, objetivando reconhecer os cenários nacional e internacional estimuladores da formação de outras organizações negras no Brasil.

2.1. O Movimento Negro Unificado

Vários fatores, internos e externos, contribuíram para o fortalecimento do movimento negro na década de 1970. Na conjuntura internacional, destacaram-se as lutas por independência de países africanos, sobretudo os falantes da Língua Portuguesa, como Guiné-Bissau,

Moçambique e Angola, e os protestos pela igualdade de direitos civis nos Estados Unidos, despontando líderes como Martin Luther King e Malcon X. Já no cenário nacional, a Convergência Socialista foi considerada de grande relevância para o surgimento do Movimento Negro Unificado, atraindo ativistas que cumpriram um importante papel na articulação dos movimentos negros no Brasil, como Flávio Carranço, Hamilton Cardoso, Vanderlei José Maria, Milton Barbosa, Rafael Pinto, Jamu Minka e Neuza Pereira (RODRIGUES, 2007, p. 112-113).

A partir da sua primeira assembleia, no dia 23 de julho de 1978, o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) alterou seu nome para Movimento Negro Unificado (doravante MNU). Segundo Aguiar (1998, p. 43):

Analisando seu programa de ação fica claro que para este movimento a resolução dos problemas dos negros passa necessariamente pela sua organização e neste sentido a tarefa básica do MNU consistia na organização política da população negra enquanto forma de pressão sob a sociedade.

Ainda na primeira assembleia, são criados os centros de lutas, “grupos de negros organizados em seus locais de trabalho, bairros e favelas, escolas, para levarem a luta contra a discriminação racial” (AGUIAR, 1998, p.44).

De 1978, período que ocorreu a primeira assembleia, até 1980, foram realizadas pelo MNU assembleias nacionais, congressos estaduais e nacionais, festivais de cultura negra e diversas outras ações visando o fortalecimento e articulação cada vez maiores das populações negras do Brasil. Nesse contexto, a imprensa negra tornou a se organizar, havendo a divulgação de jornais como:

[...] *SINBA* (1977), *Africus* (1982), *Nizinga* (1984), no Rio de Janeiro; *Jornegro* (1978), *O Saci* (1978), *Abertura* (1978), *Vissungo* (1979), em São Paulo; *Pixaim* (1979), em São José dos Campos/SP; *Quilombo* (1980), em Piracicaba/SP; *Nêgo* (1981), em Salvador/BA; *Tiçãõ* (1977), no Rio Grande do Sul, além da revista *Ébano* (1980), em São Paulo. (RODRIGUES, 2007, p.114).

A formação do MNU representou um marco histórico, pois, além de unificar as diferentes organizações negras no país e fortalecer ainda mais a luta contra o racismo, envolveu também outros grupos que se sentiam oprimidos dentro de uma sociedade de ordem econômica capitalista, tendo se estabelecido, inclusive, parcerias com o movimento negro nos EUA. Silva (2010) considera que:

O estreitamento dos laços entre os vários Movimentos [...] com o Movimento Negro norte-americano foi, sem dúvida, um importante passo para a definição conceitual das bases unificadoras das lutas contra o racismo no mundo ocidental. (SILVA, 2010, p.12-13).

Com esse caráter agregador de diferentes movimentos que buscavam a solução de suas demandas, as palavras de ordem passaram a ser “negro no poder!”, traduzindo assim a meta de ampliar e fortalecer a participação do negro no campo político, promovendo enfrentamentos à ordem social vigente e trazendo à tona o problema do racismo, encoberto por governos disseminadores da crença na suposta democracia racial (RODRIGUES, 2007).

As ações do MNU também estiveram presentes no campo religioso ao desenvolvendo

ações de valorização das religiões de matriz africana e, no campo educacional, propondo análises e correções nos materiais de ensino, propagadores de conteúdos preconceituosos e racistas. Já na formação de professores, o que se viu foi um plano de capacitação do trabalho docente com temáticas voltadas para as relações étnico-raciais a partir de uma proposta de inclusão da história da África nos currículos escolares, configurando-se em um conjunto de esforços com o intuito de assegurar a igualdade de direitos e a valorização da cultura negra.

Em um panorama nacional, ao retornarmos à década de 1930, período da criação do *Estrela*, temos a ampliação da FNB, que se tornou partido político em 1936, servindo de exemplo para o primeiro momento do movimento negro no país, o qual foi marcado pela reivindicação de um projeto sistemático voltado para a resolução dos problemas vivenciados pelos negros naquele momento. Nas palavras de Aguiar (1998, p. 34):

O negro não estava preparado nem técnica, nem psicológica, nem moralmente para a vida livre. A Frente Negra visava lutar contra isso: a estratégia era reunir os negros para prepará-los, para quebrar o seu medo e a sua covardia diante do branco, para dar-lhe coragem e ousadia, na competição econômica e na defesa dos seus direitos.

Na mesma linha de Aguiar, Domingues (2007) traz em sua pesquisa, referente à década de 1930, o nome de importantes organizações negras, situando tais organizações em um movimento a nível nacional, ou seja, não restritas somente a uma região específica do país. Segundo o autor:

[...] além da Frente Negra Brasileira, outras entidades floresceram com o propósito de promover a integração do negro à sociedade mais abrangente, dentre as quais destacam-se o Clube Negro de Cultura Social (1932)²⁵ e a Frente Negra Socialista (1932), em São Paulo; a Sociedade Flor do Abacate, no Rio de Janeiro, a Legião Negra (1934), em Uberlândia/MG, e a Sociedade Henrique Dias (1937), em Salvador (DOMINGUES, 2007, p.107)

Ainda nesse período, destacamos os recentes debates envolvendo o mito da democracia racial, iniciados a partir dos estudos de Gilberto Freyre, os quais foram ampliados e se chocaram com a realidade desigual vivenciada pelos negros brasileiros. Isso porque o paradoxo envolvendo uma “ilusória harmonia entre as raças” ganhou contornos mais nítidos e foi sendo desfeito com a história de organizações como o *Estrela*, que materializaram a falta de acesso dos negros a oportunidades e a locais exclusivos dos brancos. As autoras Armani et al (2012, p. 276 - 277) registram que:

Digno de nota que o Estrela tenha sido criado no mesmo momento histórico de efervescência do mito da democracia racial, termo cunhado por Gilberto Freyre que considerava que as relações raciais no país eram cordiais e harmônicas. A criação do Estrela demonstra o quanto esta ideia era falsa, pois foi a dificuldade em ser aceito nos bailes da época que motivou um grupo de pessoas negras a montarem o seu próprio espaço.

Assim, de acordo com os autores supracitados, é relevante pensarmos no surgimento do *Estrela* não como um evento isolado, e sim como um evento relacionado às muitas discussões e ações levantadas pelos movimentos negros, a nível nacional e internacional, os quais propiciaram a formação de organizações e movimentos preocupados com a real inserção social do negro.

A seguir, debruçamo-nos sobre a história do *Estrela*, na tentativa de compreender a sua criação baseados nos relatos compartilhados pelos sujeitos entrevistados para esta pesquisa.

3. A criação da Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D´Oriente

Fundada no dia 1º de janeiro de 1936, em Barretos, a *Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D´Oriente* surgiu a partir da necessidade sentida por um grupo de amigos de se ter um espaço voltado para a população negra, a qual sofria com inúmeras formas de segregação.

Os depoimentos coletados para este trabalho suscitam também reflexões sobre como estavam configuradas as relações raciais em Barretos, direcionando-nos para o reconhecimento de elementos sociais, a nível local e a nível nacional, capazes de estimular o surgimento de espaços próprios para os negros, impedidos de acessar locais legitimados como de brancos. Reconhecidos nesta pesquisa como instituições racializadas (MONSMA, 2016), estes locais voltados para a população branca promoveram a inferiorização e exclusão do *outro*, neste caso, o negro, fornecendo as condições necessárias para a reprodução de práticas discriminatórias e racistas.

Armani *et al* (2012, p. 276) registram que, no contexto da cidade de Barretos, “[...] a diversão negra se restringia aos desfiles de rua, os negros não eram bem recebidos em salões frequentados por brancos” e se viam, alijados do acesso às oportunidades que garantiam ascensão social, amplificando o quadro de desigualdades na medida em que os privilégios da classe dominante eram reforçados.

O *Estrela* foi criado em resposta à dificuldade ou à impossibilidade de acesso do negro a certos espaços para além da escola de samba. De acordo com o depoimento do Sr. Carlos³, integrante do *Estrela*, o nome foi escolhido por um grupo de amigos que se reunia com frequência e, diante do desejo de um espaço onde pudesse ocorrer a socialização do negro barretense, em uma noite, olhando para o céu e observando as estrelas, o grupo decide batizar o almejado clube de *Estrela D´Oriente*.

A fala do Sr. Ribeiro⁴, também integrante do *Estrela*, vai ao encontro do que foi compartilhado pelo Sr. Carlos:

Me contaram essa história, que a Dona Senhorinha, que eu não cheguei a conhecer, eles reunidos debaixo de uma mangueira, olhando para o céu, e eles estavam querendo um nome para colocar no clube, aí viu as estrelas, e a Dona Senhorinha, com o Zé Preto, Seu Lazineho, Seu Américo olhou e falou “Olha lá, o nome é aquele lá, Estrela D´Oriente”.

Com raízes profundas na tradição carnavalesca, o *Estrela* consolidou seu nome na história de Barretos com participações nos carnavais da cidade, nos quais surpreendia a todos com a qualidade dos enredos, das fantasias e da paixão expressa de seus sambistas.

É importante destacar que as mensagens transmitidas nos desfiles, por meio dos sambas-enredos, chamavam a atenção pelos aspectos históricos abordados em suas letras, muitas

³ Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2014. Duração: 49:09 min, mp3. Entrevistador: Paulo C. A. Garcia, Barretos-SP. O nome completo do depoente foi suprimido em acordo com as diretrizes relacionadas à ética inerente às pesquisas envolvendo seres humanos.

⁴ Entrevista realizada no dia 19 de novembro de 2014. Duração: 63:11 min, mp3. Entrevistador: Paulo C. A. Garcia, Barretos-SP. O nome completo do depoente foi suprimido em acordo com as diretrizes relacionadas à ética inerente às pesquisas envolvendo seres humanos.

vezes relacionados à situação do negro no Brasil. Armani *et al* (2012) destacam que:

[...] os sambas-enredos do “Estrela D’orienté” também trazem um pouco da história e da luta dos afrodescendentes no Brasil, exemplo disso é o samba de 1973, “Exaltação a Bahia” que a consagrou campeã. A escola foi por muitos anos a mais aguardada e festejada na avenida, as famílias se entusiasmavam com a passagem. (ARMANI et al., 2012, p. 277).

Apesar do local de destaque no carnaval barretense, as ações do *Estrela* não ficaram restritas somente à esfera carnavalesca. Como registrou o Sr. Carlos, “o pessoal vê o *Estrela D’orienté* só carnaval, sendo que o *Estrela D’Orienté* é uma sociedade beneficente e recreativa”.

Transparece certo incômodo na ênfase dada pelo Sr. Carlos em “*sociedade beneficente e recreativa*”, pois, apesar da forte tradição no carnaval da cidade, outras ações de cunho social eram desenvolvidas pela organização que, desde a sua criação, objetiva também oferecer apoio social e material aos seus associados (ARMANI et al., 2012). O apoio social e material oferecido pelo *Estrela* aos seus associados demonstram a sua importância enquanto organização negra que buscava estratégias capazes de amenizar o sofrimento gerado pelas desigualdades sociais vivenciadas pelos negros em Barretos.

O Sr. Ribeiro traz também em sua fala a segregação instaurada na sociedade barretense no período da criação do *Estrela*, em 1936, destacando que “o negro era discriminado naquela época e não podia entrar no Grêmio”, um clube destinado à elite branca da cidade e da região. Neste aspecto, dialogamos com Monsma (2016, p. 62) ao registrar que o “[...] habitus racial do grupo dominante se reproduz pela internalização das divisões raciais do mundo social, na forma de disposições, esquemas de percepção e estratégias de ação que reforçam e legitimam a dominação racial”. O branco, portanto, utiliza também da estruturação e disposição de certos espaços como forma de garantir a hierarquização racial e, conseqüentemente, impulsionar a subalternização de outros grupos.

Ainda de acordo com o Sr. Ribeiro, com a criação do *Estrela*, “[...] os brancos, a princípio, também não podiam fazer parte das promoções que os negros realizavam”, o que representa o desenvolvimento do habitus racial do negro, cuja busca por formas de resistência ao racismo fomentou o surgimento de grupos que partilhavam laços de solidariedade frente às dificuldades enfrentadas cotidianamente (MONSMA, 2016).

As transformações ocorridas ao longo do tempo fizeram do em um local também aberto a todo cidadão que desejasse participar das ações que ali eram desenvolvidas. Tais transformações só passaram a ocorrer com maior visibilidade, em Barretos, a partir da década de 1970, também como consequência das influências advindas de um cenário macro, nacional e internacional, que estimulou e intensificou o debate acerca das relações raciais no Brasil.

CONCLUSÃO

Por meio da pesquisa realizada, a história da *Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela D’Orienté*, o *Estrela*, permitiu-nos refletir sobre a dinâmica e a complexidade das relações raciais na cidade de Barretos, no interior de São Paulo. Fundado no ano de 1936, o *Estrela* traz em sua trajetória importantes elementos que nos remetem à análise do cenário nacional daquele período, o qual favorecia o surgimento de outras organizações negras em

diferentes partes do Brasil, ao mesmo tempo em que impulsionou o nosso olhar para o quadro local, o da cidade de Barretos.

Os relatos orais obtidos e a bibliografia sobre a qual nos debruçamos demonstraram, ainda, que a importância do *Estrela* vai além dos momentos carnavalescos, reafirmando a necessidade de estudos relacionados à temática racial como estratégia de combate às desigualdades sociais/raciais, promovendo, também, o reconhecimento e a valorização da população negra como parte significativa da história barretense.

FONTES ORAIS

COSTA, J. C. Depoimento, 23 de outubro de 2014.

RIBEIRO, A. Depoimento, 19 de novembro de 2014.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. M. **As organizações negras em São Carlos: Política e Identidade Cultural**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFSCAR, São Carlos, 1998.
- ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo**. Bauru: EDUSC, 1998.
- ARMANI, K.; FERNANDES, S.; TINELLI, R.; TRUCULO, P. **Descobrimos Barretos: 1854-2012**. Liverpool Editoria: Barretos, 2012.
- DOMINGUES, P. J. **A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)**. 2005. Tese (doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo.
- DOMINGUES, P. J. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Revista Tempo, Universidade Federal Fluminense, vol. 23, p. 100-122, 2007.
- FERNANDES, F. **A Integração do negro na sociedade de classes**. Vol. 1 e 2. São Paulo: Ática, 1978.
- FREIRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais**. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOSS, K. e PRUDÊNCIA, K. **Conceitos de movimentos sociais**. Revista eletrônica dos Pós graduandos em Sociologia Política da UFSC. Florianópolis, v.2, n.1 (2), p.75 - 91, Jan/Julh. 2004.
- KENSKI, V. M. Memória e prática docente. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **As faces da memória**. Col. Seminários, Campinas: CMU, 1995, p. 101 – 114.
- LEITE, José Correia; CUTI, Luiz Silva (Org.). **...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- MONSMA, K. A reprodução do racismo: **fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.
- MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO – VIII Encontro de Negros do Norte e Nordeste. **Programa de Ação do MNU**. Estatuto. Salvador, 1990.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude - usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- NASCIMENTO, A. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Estudos Avançados 18 (50). 2004.
- PINTO, Regina Pahin. **O Movimento Negro em São Paulo: luta e Identidade**. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 1993.
- REIS, João José. **Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil**. Revista USP: São Paulo, 1995/96.
- SILVA, M. Linhares da. **Considerações sobre o dilema entre cor/raça/mestiçagem e ações afirmativas no Brasil**. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 18, n.1, p. 08-29, 2010.
- TENÓRIO, Valquíria Pereira. **Baile do Carmo – Memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.